



INFORMATIVO

O TUIUTI



*ÓRGÃO DE DIVULGAÇÃO DA ACADEMIA DE
HISTÓRIA MILITAR TERRESTRE DO BRASIL/RIO GRANDE DO SUL (AHIMTB/RS)
- ACADEMIA GENERAL RINALDO PEREIRA DA CÂMARA -
E DO INSTITUTO DE HISTÓRIA E TRADIÇÕES DO RIO GRANDE DO SUL (IHTRGS)*
370 anos da Primeira Batalha dos Guararapes - 100 anos da participação do Brasil na I GM
ANO 2018 Abril Nº 269

DIA DO EXÉRCITO BRASILEIRO

Associação dos Oficiais R-2 do Rio Grande do Sul

NO DIA 19 DE ABRIL COMEMORA-SE O DIA DO EXÉRCITO BRASILEIRO, QUE VEM ATUANDO NA PROTEÇÃO DE NOSSO TERRITÓRIO DESDE A PRIMEIRA BATALHA DOS GUARARAPES (1648), CONTRA OS INVASORES HOLANDESES.

A DATA FOI MARCADA COMO UMA DAS PRIMEIRAS LUTAS DA NACIONALIDADE CONTRA A DOMINAÇÃO ESTRANGEIRA.

DESDE ENTÃO O EXÉRCITO BRASILEIRO TEM EXERCIDO PAPEL RELEVANTE NA MANUTENÇÃO DA UNIDADE E DA INTEGRIDADE NACIONAL.

OS INDIVÍDUOS QUE TREINAM E LUTAM PARA DEFENDER OS ESPAÇOS E DIREITOS DO NOSSO PAÍS SÃO OS INTEGRANTES DESSA CORPORAÇÃO.

O BRASIL POSSUI TRÊS FORÇAS ARMADAS SINGULARES, RESPONSÁVEIS PELA DEFESA DA PÁTRIA, E O EXÉRCITO É UMA DELAS. SUA EVOLUÇÃO HISTÓRICA SE CONFUNDE COM A PRÓPRIA CONSOLIDAÇÃO DA IDENTIDADE DO PAÍS.

PRESENTE EM TODO O TERRITÓRIO, O EXÉRCITO TEM A MISSÃO CONDI-CIONADA PELAS DIMENSÕES CONTINENTAIS DO BRASIL, CARACTERIZADAS PELA VARIEDADE DE AMBIENTES GEOGRÁFICOS E POR UMA FAIXA DE FRONTEIRA COM DEZ PAÍSES QUE SE ESTENDE POR QUASE 17 MIL QUILOMETROS.

PARA O CUMPRIMENTO DA MISSÃO CONSTITUCIONAL DE DEFESA DA PÁTRIA, A FORÇA TERRESTRE TEM DE MANter PREPARADOS E ADESTRADOS GRANDES EFETIVOS DE HOMENS E MULHERES.

AS TROPAS DO EXÉRCITO PRATICAM INTENSOS TREINAMENTOS, COMO PREPARO PARA OPERAR EM CIRCUNSTÂNCIAS DE GUERRA E DE CONFLITOS MAIS EXTREMOS. SÃO RESPONSÁVEIS PELA SEGURANÇA DA PÁTRIA JUNTO ÀS FRON-

TEIRAS, COMPARTILHANDO TAL RESPONSABILIDADE COM A MARINHA E A AERONÁUTICA.

A INSTITUIÇÃO MILITAR ATUA TAMBÉM NO APOIO ÀS ATIVIDADES DE DEFESA CIVIL, PARTICIPANDO DE AÇÕES DE SOCORRO E ASSISTÊNCIA ÀS VÍTIMAS DE DESASTRES NATURAIS, BEM COMO NOS PROCEDIMENTOS DE RECUPERAÇÃO E RECONSTRUÇÃO.

ALÉM DISSO, O EXÉRCITO PARTICIPA DE CAMPANHAS SOCIAIS, LEVA ALIMENTOS E FAZ SERVIÇOS DE ATENDIMENTO MÉDICO ÀS LOCALIDADES DO PAÍS QUE SÃO MUITO ISOLADAS, ONDE A POPULAÇÃO NÃO TEM ACESSO AOS MESMOS. O EXÉRCITO INTEGRA O SISTEMA NACIONAL DE PROTEÇÃO E DEFESA CIVIL (SINPDEC).

SEU CORPO DE ENGENHEIROS (ARMA DE ENGENHARIA) COOPERA CONSTANTEMENTE NA CONSECUÇÃO DE OBRAS PÚBLICAS.

NAS ÁREAS DE FRONTEIRA TERRESTRE, O EXÉRCITO ATUA NA PREVENÇÃO E REPRESSÃO CONTRA DELITOS TRANSFRONTEIRIÇOS E AMBIENTAIS, DE FORMA ISOLADA OU EM COORDENAÇÃO COM OUTROS ÓRGÃOS ESTATAIS.

TAMBÉM TEM ATUAÇÃO PREMENTE NO APOIO À POLÍTICA EXTERNA NACIONAL, CONTRIBUINDO COM O MAIOR NÚMERO DE EFETIVOS MILITARES BRASILEIROS EM OPERAÇÕES DE PAZ E DE AJUDA HUMANITÁRIA.

POR ESSA MARCANTE ATUAÇÃO, AS FORÇAS ARMADAS, DETÉM UM CONCEITO ADMIRÁVEL DE SOLIDEZ E CONFIABILIDADE POR TODA A POPULAÇÃO BRASILEIRA.

A AOR/2-RS, QUE CONGREGA OS OFICIAIS R/2 DESTA NOTÁVEL ORGANIZAÇÃO, VEM EXPRESSAR SEU ORGULHO DE, A SEU MODO E DE FORMA PRESENTE E ATUANTE, FAZER PARTE DESTA UNIVERSO DE DISCIPLINADOS PATRIOTAS, SAUDANDO A TODOS OS MILITARES, DA ATIVA E DA RESERVA, PELO QUE CADA UM CONTRIBUIU PARA O ENGRANDECIMENTO DESTA NOSSO EXÉRCITO BRASILEIRO, QUE ESTÁ CUMPRINDO O SEU 370º ANIVERSÁRIO NESTE DIA 19 DE ABRIL.

PORTO ALEGRE, 19 DE ABRIL DE 2018

WERNER MABILDE DULLIUS

2º TEN R/2 INF 71

VICE-PRESIDENTE

CARLOS AUGUSTO SANTIAGO NOBRE

2º TEN R/2 ART 63

PRESIDENTE



APONTAMENTOS SOBRE A RELAÇÃO DE JÚLIO DE CASTILHOS COM OS MILITARES

CORALIO BRAGANÇA PARDO CABEDA, DO IHGRGS

(Comunicação realizada em simpósio sobre Júlio de Castilhos realizada em Porto Alegre)

O que algumas das minhas pesquisas têm ressaltado sobre as relações de Castilhos com os militares é a extrema habilidade, a extrema inteligência com que ele soube manipular o apoio dos militares. Castilhos teve o senso da oportunidade, sabendo explorar todas aquelas coisas tão caras aos sentimentos dos militares, como honra, brio, espírito de classe, pundonor.

Essas coisas Castilhos intuiu. Ele vai explorá-las em benefício da campanha republicana. Começou com a "Questão Militar", em 1884, 1886, que explorou e exacerbou com habilidade notável. Os senhores, evidentemente, já ouviram falar nessa questão, envolvendo dois oficiais superiores do Exército, o Cel Cunha Matos e o Ten Cel Sena Madureira. À época, os titulares dos ministérios militares eram, muitas vezes, políticos civis.

Surgindo questões disciplinares, relativas a manifestações públicas sobre assuntos administrativos, opondo os citados oficiais e políticos do Império, foram elas de tal forma exacerbadas que a sua solução política - e houve várias tentativas nesse sentido - foi inviabilizada, transformando-se em questão de classe. Castilhos apercebeu-se da oportunidade para chamar a colaboração dos militares para a causa republicana. Ele nunca deixava a ferida cicatrizar, sempre agravando a dissensão.

Cunha Matos, o primeiro daqueles oficiais envolvidos, é até cordato, aceitando as tentativas de contornar politicamente o problema. Mas o outro, o Ten Cel Antônio de Sena Madureira é um republicano *enragé* e, quando transferido para a Escola de Tiro de Rio Pardo, aproxima-se de Júlio de Castilhos. E Castilhos abre-lhe as páginas de "A Federação" para que possa publicar seus artigos contra o Império e contra os políticos do Império. Nunca mais a "Questão Militar" será amortecida, pois, quando se tenta acomodá-la, lá vem Sena Madureira assoprar as brasas da fogueira...

Castilhos, jogando com essas questões tão caras aos militares, também explora a ingenuidade política de muitos deles. Um deles foi o Visconde de Pelotas. O outro, o Marechal Deodoro da Fonseca, à época o Comandante das Armas da Província do Rio Grande do Sul. Tanto Deodoro, quanto Pelo-

tas, entraram nessa questão movidos pelo espírito de classe. Foram solidários com os colegas "ofendidos e menosprezados pelos políticos civis".

O Exército desse período é um exército que regressa do Paraguai com a sensação de que foi muito sacrificado por cinco anos de campanha e não é suficientemente valorizado. [Alguns autores, entre eles Tobias Monteiro, que tem um livro interessantíssimo, "Pesquisas e Depoimentos para a História" (1913), falam nisso. Esse livro, que sempre aconselho para uma visão do período final do Império, traz coisas interessantes sobre a "Questão Militar" e a situação do Exército no fim do século XIX].

Deodoro é um que fala muito nisso, embora sua carreira sempre fosse acompanhada pela simpatia do Imperador Dom Pedro II e sua família, como muitos militares ilustres, sempre mantivesse as melhores relações com a Casa Imperial.

Mas, mesmo assim, esse assunto foi muito explorado e deve-se ressaltar que Castilhos foi de inteligência e habilidade exemplares em trazer o concurso e a simpatia dos militares para a causa republicana. E por que isso? Porque os republicanos da propaganda estavam conscientes e, aí, a frase atribuída a Quintino Bocaiúva de que

"sem o Exército, teríamos o segundo, o terceiro, o quarto, o quinto, o sexto e o sétimo Reinados".

No Rio Grande do Sul, dominavam a política o Partido Conservador e o Partido Liberal, sendo o Partido Republicano quase nulo em termos de votos. A partir de certo momento, o dono da política rio-grandense é o Partido Liberal, sob o comando de Silveira Martins, que o comparava a um regimento de Frederico, o Grande, tal a disciplina com que marchava...

Assim, creio nunca ser demasiado enfatizar a habilidade de Castilhos em atrair os militares, através do quê? Da exploração de uma questão como essa.

O Visconde de Pelotas era um dos militares de maior prestígio no Exército Imperial e, ao assumir a defesa dos camaradas na "Questão Militar", também se aproximou dos republicanos, afastando-se do seu velho partido, que era o Liberal. "A Federação" teceu elogios à sua atitude, dedicando-lhe, mesmo,

artigo intitulado "O Heroico Visconde de Pelotas", que deve ter caído como um bálsamo no coração do velho soldado... Mas, logo, logo, pagaria ele muito caro por essa aproximação.

Proclamada a República, Pelotas, por ser o militar de mais prestígio na Província, assumiu a Presidência do Rio Grande do Sul, tendo o Dr. Júlio de Castilhos como Secretário do Governo e Superintendente do Interior. Vale dizer, que este controlaria a política no interior do Estado, provendo, com muita habilidade, os cargos mais importantes com membros do Partido Republicano, dali afastando os tidos como adversários.

Ocorre que, ao assumir a Presidência do Estado, Pelotas está sendo usado. E por quê? Porque os republicanos sabem que ainda não podem prescindir de figura importante e cara aos militares, mas, a seu tempo, irão descartá-lo. O pretexto será a pressão dos castilhistas para que o Visconde afaste do governo todos os "gasparistas" ou suspeitos de "gasparismo"...

A certa altura, Pelotas dá-se conta da situação a que foi submetido e, sem forças para resistir, pede demissão. Aparece, então, um segundo personagem militar, que terá destacado papel em todo o caminho de Júlio de Castilhos para o poder. É o General Júlio Anacleto Falcão da Frota.

Este homem vai aparecer ora como Presidente interino do Rio Grande do Sul, ora como Comandante das Armas, cargo militar mais importante no Estado, ora como Vice-Presidente. Enfim, é homem importante no jogo político, nomeado pelo Marechal Deodoro. E Frota, a primeira coisa que faz é nomear Castilhos para a primeira vice-presidência e o Dr. Antão de Faria para a segunda.

Entretanto, a interinidade do Gen Frota não demora muito tempo e já surgem problemas entre os castilhistas e o governo do Marechal Deodoro. É a questão do chamado Banco Emissor do Sul, criação do Ministro da Fazenda Rui Barbosa, ao qual se opunham aqueles, principalmente em relação aos incorporadores do banco. Em determinado momento, todos pedem demissão dos cargos, nomeando-se novo general para a Presidência do Estado.

Vamos começar a assistir à "dança dos generais". No caso em tela, chama-se Gen Cândido Costa, que ainda está no Rio de Janeiro. Enquanto não chega o Gen Cândido Costa, assume um político conservador muito amigo de Deodoro e pertencente a família importante na política do Rio Grande do Sul, da qual muito se ouvirá falar nos acontecimentos posteriores, os Tavares. Assim, assume o Dr. Francisco da Silva Tavares, político não muito estimado por Júlio de Castilhos, que, com seus amigos, já lhe prepara a deposição. Ele será logo derrubado e o pretexto serão as comemorações do segundo aniversário da Lei Áurea.

Provoca-se uma série de incidentes e a Escola Militar, com o apoio de duas unidades da guarnição de Porto Alegre, o 13º Batalhão de Infantaria, comandado pelo Cel Tomás Flores, e o 30º Batalhão de Infantaria, comandado pelo Cel Artur Oscar de Andrade Guimarães (esses homens aparecerão com destaque nos acontecimentos futuros do Estado e, mais tarde, em Canudos, onde Tomás Flores encontrará a morte. Artur Oscar, já promovido a general, será o comandante da última expedição, que arrasará Canudos) serão os fatores de perturbação e desequilíbrio.

Qual o objetivo de tudo isso? O objetivo seria desestabilizar qualquer governo, interino ou não, que não fosse do agrado dos republicanos, que são os elementos realmente organizados para a tomada do poder. Aqui, um aspecto interessante da personalidade de Castilhos, que apreciaria partilhar com os senhores: os militares, enquanto amigos e aliados de Júlio de Castilhos, recebem sempre os maiores elogios. Tudo aquilo que eles gostariam de ler e ouvir, "A Federação" publica e os discursos dos políticos republicanos exaltam. Entretanto, no momento em que se opõem ou pensam diferente, o tratamento irá mudar. Caso típico é o da Escola Militar de Porto Alegre, que desempenhou papel importante nesse período.

Estavam reunidos na Escola Militar os políticos que preparavam a derrubada do Dr. Francisco da Silva Tavares, quando "A Federação" publicou:

"Enquanto no pavimento superior deliberavam os chefes, combi-

nando a ação incruenta que ia seguir-se, em baixo ouvia-se o comovente burburinho patriótico da mocidade militar, que, apaixonada no cumprimento do dever, cingida da espontaneidade e pureza juvenis, aguardava, impaciente, a hora de entrar em forma. Nada mais comovedor do que contemplar de perto essa nobre impaciência que tão diretamente correspondia ao intenso palpitar do coração dessa luzida legião de moços generosamente consagrados ao serviço ativo da Pátria na inclemente carreira das armas".

Esse texto faria qualquer militar se encher de orgulho. Depois que Silva Tavares é derrubado e a Escola Militar passa, aos poucos, a tomar o partido de Demétrio Ribeiro, Barros Cassal e dos dissidentes, vamos ver o que se pensa sobre a mesma Escola Militar.

Quando o Partido Republicano organiza a nominata dos candidatos à Constituinte Federal e às eleições para o Senado e a Câmara, os alunos da Escola Militar de Porto Alegre revoltam-se contra a maneira como isso foi feito. Feito de cima para baixo. Júlio de Castilhos reúne-se com "essa luzida legião de moços generosamente consagrados ao serviço da Pátria" e, simplesmente, diz: "Não se havia de sujeitar a meninos de farda" (!)

Isso é para ter-se uma ideia de como as pessoas podem ser usadas e manipuladas. O próprio Marechal Floriano Peixoto, depois de assumir a Presidência, após a queda de Deodoro, também expende opinião muito interessante sobre essa brava e luzida legião de moços, dizendo ao Gen Bernardo Vasques, Comandante das Armas do rio Grande do Sul: "Devemos ter certas defêrências com esses doidinhos, mas tudo tem limite" (!)

São coisas interessantes que vamos encontrando ao longo das pesquisas, de como as pessoas são manipuladas e como elas se iludem perante o elogio fácil...

Esse foi um período extremamente confuso e complexo em nossa vida política, com governos sucedendo-se em curto espaço de tempo, mas sempre com esta tônica: a guarnição de Porto Alegre, com unidades co-

mandadas por oficiais abertamente castilhistas, como Tomás Flores, Artur Oscar e João César Sampaio, ou provoca a desordem, o tumulto e a instabilidade, derrubando governos sucessivos, ou está engajada na luta para entregar o poder a Júlio de Castilhos. Observa-se, também, que o principal comando militar, denominado no Império e início do período republicano de Comando das Armas (mais tarde, 6º Distrito Militar) é exercido por generais, todos, ou quase todos, castilhistas.

Assim, o chamado *governicho*, como Castilhos denomina aqueles que o substituem, Gen Barreto Leite, Barros Cassal, Demétrio, Assis Brasil, nunca consegue o apoio do governo federal para se manter no poder. É politicamente fraco. Fortes são os remanescentes do Partido Liberal, chefiados por Silveira Martins, então no exílio, que lhes poderiam apoiar, mas com quem os dissidentes republicanos não conseguem entender-se. Então, tendem a governar sozinhos e, tentando governar sozinhos, são muito fracos e, portanto, sujeitos à instabilidade provocada pela força armada. E isso é provocado de várias maneiras, agitações, boatos, pronunciamentos, porque os militares eram muito engajados na política partidária. Esse período de instabilidade vai terminar com a reposição de Júlio de Castilhos no poder.

Como sabem os senhores, Deodoro da Fonseca é derrubado por um golpe de estado, o terceiro da República, pois Deodoro também é autor do segundo, fechando o Congresso em 3 de janeiro de 1891 e, depois, derrubado por um pronunciamento da Marinha. Então, logo no início da vida republicana, temos três golpes de estado. Júlio de Castilhos é derrubado do poder e uma nova revolução, que vem sendo arquitetada junto com a guarnição de Porto Alegre, o repõe no poder no dia 17 de junho de 1892.

Aqui, há situações interessantíssimas, pois todos os pedidos de apoio feitos ao governo central para enfrentar a instabilidade e a conspiração castilhista, sempre negados, no momento de recolocar Castilhos no poder abrem-se as portas do Arsenal de Guerra de Porto Alegre para entregar armamento aos seus adeptos, subleva-se a força policial e temos novamente o Gen Júlio Frota, *comblain* ao ombro, subindo à Praça da

Matriz com seus amigos para apear o velho Marechal Visconde de Pelotas...

O último governante desse período de instabilidade provocada é, ironicamente, o Marechal Visconde de Pelotas, aquele que tinha, tão idealisticamente, saído em auxílio de seus camaradas na "Questão Militar" e que fora chamado de "heroico"... Pelotas telegrafa ao Marechal Floriano Peixoto, dizendo que passava o governo ao Gen Joca Tavares, seu primeiro Vice-Presidente, que estava em Bagé.

Aqui, quero fazer um pequeno corte, para termos uma ideia de quem é o homem que foi o grande sustentáculo de Júlio de Castilhos na tomada do poder e na sua consolidação nesse poder, o Marechal Floriano Peixoto.

A respeito de Floriano há, no livro citado de Tobias Monteiro, duas passagens bastante reveladoras do homem que sempre passou por ocultar seus pensamentos. Uma, é a carta de 10 de junho de 1889, cinco meses antes da Proclamação da República, dirigida a seu amigo Cel João Soares Neiva, mais tarde general:

"Vi a solução da questão da classe, excedeu sem dúvida a expectativa de todos. Fato único, que prova exuberantemente a podridão que vai por este pobre país, e, portanto, a necessidade da ditadura militar para expurgá-la. Como liberal que sou, não posso querer para meu país o governo da espada; mas não há quem desconheça, e aí estão os exemplos, de que é ele (o governo da espada) que sabe purificar o sangue do corpo social que, como o nosso, está corrompido."

Creio que o homem aqui se revelou. Embora fosse uma carta particular, aqui está o seu pensamento mais recôndito. O outro, é um artigo de jornal, em que o já então Gen Cunha Matos, aquele citado na "Questão Militar", escreve: "O então Major Floriano Peixoto, voltando de Aquidabã, assim se referira a Solano López: 'de um homem daqueles é que nós carecemos no Brasil!'"

Existe um documento que acredito não seja suficientemente explorado pelos historiadores e a mim ele muito intriga: teria,

ou não, Floriano Peixoto o poder para evitar a guerra civil de 1893-95, que, até hoje, o Rio Grande maldiz?

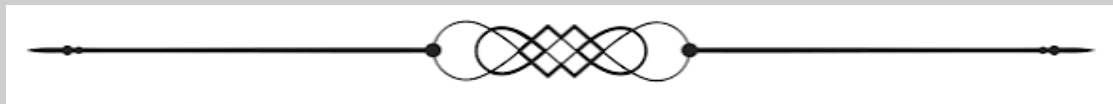
Em outubro de 1892, depois que Castilhos retoma o poder, há grandes crimes, assassinatos, saques, por todo o Rio Grande e o Visconde de Pelotas escreve a Floriano, contando tudo isso e dando os nomes dos implicados. Floriano manda ao Rio Grande um homem de sua extrema confiança, um gaúcho de Porto Alegre, que comandava a polícia do Rio de Janeiro, o Gen João Batista da Silva Telles. Telles vem ao Rio Grande e vai ao Uruguai conferenciar com o Gen Joca Tavares, que estava emigrado. No dia 2 de novembro de 1892, telegrafa ao Marechal Floriano, cujo texto permito-me ler, pela sua importância:

"Urgentíssimo. Reservado.S.N. Estação de Bagé, 2 de novembro de 1892 - Marechal Floriano - Ontem estive com o General Tavares que não concordou na conciliação, visto estar seriamente comprometido com seus amigos. A revolução no meu entender é inevitável [vejam que a data é 2 de novembro de 92 e a revolução irromperá em fevereiro de 93] desde que não se tomem já as providências necessárias. Pelo modo por que chegaram as coisas aqui, acho que V. Exa. deve declarar já o Rio Grande em estado de sítio, nomeando imediatamente um governador militar, mas que este seja alheio às paixões políticas do Rio Grande. V. Exa. não faz ideia dos horrores que se têm praticado; os assassinatos são em número muito elevado, pois por toda a parte se degolam homens, mulheres e crianças como se fossem cordeiros; o saque está por demais desenvolvido, assim é que não há nenhuma garantia quer individual quer material. V. Exa. não conhece nem a terça parte dos horrores que se têm cometido, sendo, infelizmente, praticados por pessoas que deviam ser os mantenedores da ordem pública. Em Porto Alegre, por ocasião de efetuar-se a prisão de Facundo Tavares [irmão do Gen Joca Tavares], foram feridos com dois balásios o meu sobrinho major Pantaleão Telles e também um

oficial que compunha a força, e mortos dois filhos de Facundo, de modo que isto, na minha opinião, vem agravar mais a situação por demais melindrosa. Os ânimos exaltadíssimos, por isso suponho que a invasão se fará com brevidade. Os coronéis Pedroso e Motta, chefes republicanos de Piratini e Canguçu, e também o coronel Cândido Garcia, daqui de Bagé, segundo estou informado, são os maiores assassinos e ladrões do Rio Grande e é a quem mais se deve esse estado de coisas. Assim, me parece que V. Exa. deve, quanto antes, tomar providências enérgicas a fim de evitar uma catástrofe que necessariamente refletirá em todo o país. Suponho que o único meio a seguir é, como já disse a V. Exa., considerar já o Rio Grande em estado de sítio, nomeando sem perda de tempo um governador militar, mesmo

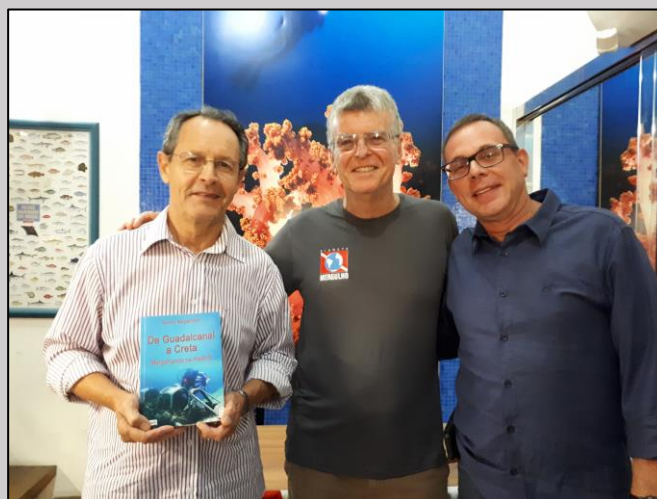
por ser essa medida a desejada pelo povo rio-grandense. Saúdo-vos afetuosamente. Sigo amanhã para a cidade do Rio Grande a levar a família (segue-se trecho cifrado). Gen João Telles.”

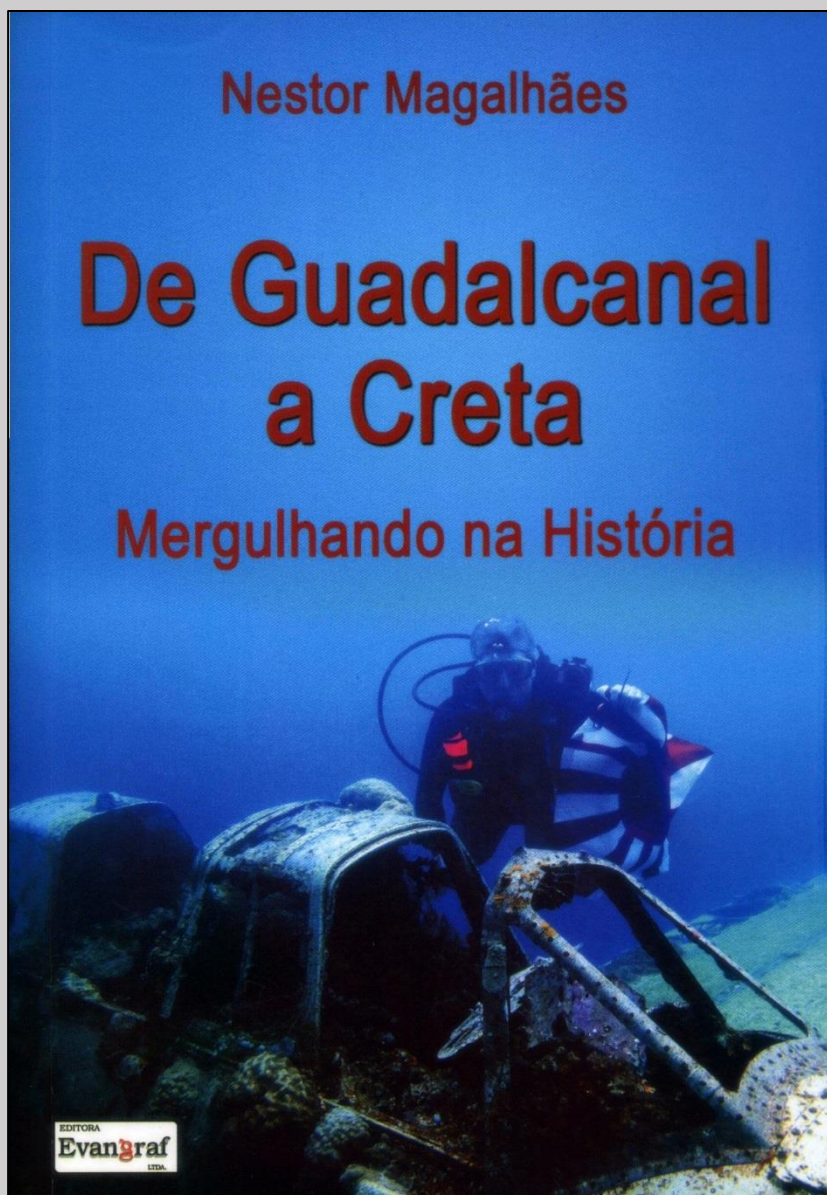
Alguns têm dito que Floriano não poderia intervir no Rio Grande por impedimento constitucional mas, quando da deposição de Deodoro, Floriano interveio, derrubando todos os governos estaduais que haviam apoiado a situação decaída.



Lançamento de livro

No início de abril deste ano, o Membro-Efetivo Nestor Magalhães lançou o seu último trabalho, cuja capa segue na página seguinte. O Ten Nestor é pesquisador/mergulhador, principalmente de navios da II Guerra Mundial. Os interessados na obra podem contatar o autor pelo e-mail ulissess18@yahoo.com.br. Abaixo, uma imagem do lançamento. Ten Nestor ao centro.





X-X-X-X-X-X-X-X-X-X-X-X-X-X-X-X-X-X

Comando é a capacidade de fazer executar ordem através da hierarquia. Liderança é a capacidade de formar opiniões através da persuasão.

Roberto Campos

EDITOR:

LUIZ ERNANI CAMINHA GIORGIS, Cel Inf EM, Presidente da AHIMTB/RS
 lecaminha@gmail.com

Sites: www.ahimtb.org.br e www.acadhistoria.com.br

Site do NEE/CMS: www.nee.cms.eb.mil.br

Site do Núcleo Militar de Gramado: www.nuclev.com

Blog da Delegacia da AHIMTB/RS em Cruz Alta:

<http://acadhistoriacruzalta.blogspot.com.br/>